

E PARA QUE PSICANALISTAS EM TEMPOS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL?

Trilce / Buenos Aires, Instituição de la Psicanálise

Colóquio de Convergência, Paris 2025

E para quais poetas em tempos de penúria?
Mas eles são, você diz, como os sacerdotes sagrados do deus do vinho,
que foi de país em país na Noite Santa.

O Argumento deste Colóquio menciona, no seu título, o "mal-estar no nosso tempo" e, no seu desenvolvimento, o "mal-estar atual". O mal-estar é sempre atual; Partimos desse acordo. O que podemos ter visões diferentes é definir o que é o mal-estar em nosso tempo.

O mal-estar atual evoluiu, diz o argumento. Ver. Em 1894, de la Cárcova, notável pintor argentino, inovou ao apresentar *Sin pan y sin trabajo*, uma tela em que se denuncia a pobreza predominante no país, retratada por um casal cuja mesa está vazia e mostrando atrás duma janela os protestos dos trabalhadores, que na época eram liderados pelo anarquismo. Em 1960, Carlos Alonso pintou uma série de pinturas em evocação e homenagem a de la Cárcova, uma delas intitulada *Sin pan y con trabajo*. As condições sociais mudaram, as novas políticas econômicas levaram ao fato de que ter um emprego não garantia pão na mesa. O artista interpreta o mal-estar da época mudando apenas uma palavra. Ele fez uma tarefa poética.

E no nosso tempo? Como definir o mal-estar do nosso tempo? E qual é a escassez? O enredo nos fala de uma evolução, e nosso ponto de partida para começar a situar as fontes da penúria nos tempos de Hölderlin, razão pela qual nosso título o evoca.

Ao viver na noite da fuga dos deuses, o poeta prefere dormir, pois não sabe o que cantar. O que o poeta do poeta, Hölderlin, poderia cantar se não houvesse mais raios dos deuses para capturar? A memória de uma ocorrência

aparece: “quando o povo está desorientado, o filósofo não sabe o que pensar”. Assim, Hölderlin, em sua elegia Pão e Vinho, antes da retirada dos deuses, pergunta a si mesmo: e para quais poetas em tempos de penúria?

A frase percorreu o meridiano dos tempos graças à caneta de Heidegger que, no entanto, fez Hölderlin dizer exatamente o oposto do que o poeta havia denunciado. Ele não pode ser acusado disso, pois, quando citamos, tentamos fazer com que a citação diga algo diferente do que já foi dito. Mas, sabemos, uma política séria de citação requer uma posição ética séria, a de apresentar pelo menos as duas versões: a citação como tal, contextualizada, e a leitura pela qual eu a forço a dizer o contrário. É ainda mais necessário quando a citação é removida do contexto, quando está fragmentada. Heidegger não honra essa política, mas mesmo que o poeta tenha escrito outra coisa e, embora que as coisas parecem iguais, mas não são iguais, Heidegger afirma que Hölderlin diz a mesma coisa que Heidegger pensa. Claro, os mortos não podem se defender, sabemos disso. Elis não podem alegar como a citação foi deturpada. Isso não é feito pelos mortos, mas pelos vivos. Foi o que Lacan fez com as distorções dos textos de Freud. Muitas vezes acontece, quando lemos, que somos obrigados a apelar ao original para entender uma citação. Para isso, é claro, você tem que ler. Como é lendo hoje? É lendo, hoje?

Heidegger diz que o poeta deve cantar seguindo a rastro deixada pelos deuses. Hölderlin lamenta que não haja mais vestígios dos Deuses Antigos. Hölderlin diz que nem todas as coisas podem ser feitas pelos Celestiais, que o homem deve se voltar para sua terra e que ele nunca está mais sereno do que quando o Deus está ausente - a morte de Cristo. Heidegger lê que, uma vez que os Celestiais não podem fazer tudo, o homem deve preparar a morada para o retorno dos deuses – os gregos. Não há neutralidade na leitura, nos deparamos com isso o tempo todo. Nossa prática nos adverte disso. É um dos nomes da castração, do real da língua.

Heidegger, no entanto, é luminoso ao apontar que, em tempos de escassez, o mundo se tornou tão pobre que não pode nem mesmo sentir a falta do deus como uma falta. Lacan se deliciaria em ler em Heidegger que a falta está faltando. Mas não foi isso que o filósofo disse. Ele disse que a ausência dos deuses mergulha os homens em um abismo, sendo o abismo aquilo que não tem

fundamento, e aí reside a penúria: não ter solo para se fundar. A penúria entorpece a sensibilidade: é por isso que a falta não é sentida como uma falta. A penúria suga a sensibilidade, nos convida a dormir, silencia o poeta.

A penúria do nosso tempo resulta da ausência de leitura. É esta a nossa proposta. A abismal ausência de leitura conota a penúria de nosso tempo.

São poucos os que leem, hoje.

Um paciente, em entrevistas, confessa ter passado em um exame escrito que não foi escrito por sua caneta ou teclado, mas pelo trabalho de inteligência artificial. Mas essa confissão não o levou a se perguntar o que estava acontecendo com sua própria inteligência, a enfrentar um fantasma de impotência ou impostura. Em vez disso, a confissão o levou a abandonar os estudos para fazer cursos de inteligência artificial. O efeito de uma rejeição da leitura e, por que não, de uma sensibilidade entorpecida. A sensibilidade do nosso tempo também não está adormecida?

Precisamos de poetas. Precisamos de leitores.

A inteligência artificial está localizada, como a entendemos, no mesmo lugar da penúria, devido à falta de leitura. Daí o nosso título. Se as dificuldades eram para o poeta um sinal da retirada dos deuses, de que retirada essa nova era marcada pela inteligência artificial seria um sinal? Um sinal da retirada da inteligência natural, se é que tal coisa existe? E se assim for, no que diz respeito à nossa prática, com o que estaríamos envolvidos?

O analista tem que ser inteligente? Eu digo o analista. Não estou dizendo os analistas ou um analista, mas o analista, entendido como aquele que ocupa o lugar de variável em uma função. Mas, entre nós, o que significa inteligência?

A inteligência do analista reside apenas em seu ato, que é o de ler, ler na escuta. Nossa leitura é uma leitura intersticial, lemos nos interstícios, lemos nas entrelinhas, lemos entre, lemos “o entre”. Essa é a interpretação mais precisa de *inter legere*, para ler entre. Essa é a nossa dimensão de leitura. Aquele “entre” navega entre o inconsciente e o pré-consciente, entre a intensão e a extensão, entre a afirmação e a negação, entre um texto e outro. E por meio desse modo de ler, configura-se, como resultado, o que Lacan chamou de lalingua, uma

língua que não é nem a de origem nem a de chegada, nem a do analisante nem a do analista, é uma novilíngua única para cada transferência, para cada análise. É uma língua-entre.

lalíngua é um termo em nosso vocabulário, mas não faz parte de nenhum dicionário. Não poderia ser um termo de dicionário porque não admite definição ou tradução. É um dos novos intraduzíveis da cultura.

A inteligência artificial, pelo menos até agora, coleta dados como sinais. Ele descarta mal-entendidos, trata-os como ruído, como interferência na compreensão. Chegará o momento em que a inteligência artificial produzirá poesia verdadeira? Poesia, não trocadilhos ou belas palavras harmoniosamente montadas. Achemos que não. A inteligência artificial trabalha com línguas, não pratica a língua, não tem corpo.

Nós, analistas, não estamos correndo riscos, por enquanto: nossa tarefa não está em perigo, pois nossa profissão, que se reinventa caso a caso, não opera acumulando dados ou por algoritmos de decisão. No sentido em que entendemos, a inteligência artificial não lê. No máximo, ele processa e compara as leituras feitas. Ele lê linhas de consenso, ele não lê nas entrelinhas. Ele pode localizar o que ainda não foi dito, mas não o torna uma falha fundamental, mas procura os dados ausentes para preenchê-lo.

Podemos, portanto, ficar tranquilos? Não! Porque a queda brutal do valor acionário da prática da leitura tem um impacto brutal no tempo em que vivemos e nos analisando que vieram ao mundo sob o império dessa nova penúria.

Os analistas têm uma responsabilidade em relação a esse abismo. Cabe a nós transmitir uma forma de leitura, cabe a nós fundar efeitos de leitura. Ensinar a ler, disse Lacan, ensinar o sujeito o inconsciente a ler. Mas não para ler de forma alguma, mas para ler poeticamente. O que se quer dizer com isso, talvez falar em verso, transformar a intervenção analítica em poetizar?

Não. A própria poesia é o que lê. A poesia já é uma leitura e um pensamento a ser decifrado. O que o poeta entrega em um poema não é apenas uma escrita, é uma forma de intervir na língua. O poema já é uma interpretação.

Trata-se de ler a palavra inconsciente, que é também uma intervenção na língua, como se lê poesia.

Talvez devêssemos, como sugere o poema, fazer como fizeram os sacerdotes do deus do vinho, os poetas: carregar o rastro perdido da leitura, de terra em terra, através da noite brutal de nossa era.